

A MORTE DE JULIÃO*

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v14i28p185-187>

José Saramago

Julião tinha medo, um medo mortal.

Estava sozinho no seu quarto, sentado perto da janela por onde entrava a luz antipática do crepúsculo da cidade. Pousara as mãos sobre os joelhos e ali as abandonara. As paredes do quarto eram brancas à luz do dia, brancas como uma pulha de sal ou, mais exactamente, brancas como umas paredes brancas. (Será forçoso que, em literatura, qualquer coisa seja como outra coisa?). Mas as paredes, agora, estavam sujas da luz do crepúsculo. Já não eram brancas, mas azuis-cinzentas, neste momento mais azuis-cinzentas do que há pouco. Numa delas, dois retratos: um de homem, outro de mulher – os pais de Julião. Haviam morrido velhos, mas, ali, estavam novos, tal como se tivessem ainda que viver muitos anos.

Quando Julião se estendia na cama, ficavam-lhe por cima, e ele nunca passava sem perguntar a si próprio por que motivo não envelheciam os retratos. E sorria da sua inteligência ao encontrar a resposta, sempre a mesma: os retratos eram coisas, não eram seres. É certo que as coisas e os seres envelhecem igualmente, mas as primeiras continuam sendo coisas e os seres deixam de ser o que eram. Há até quem diga que passam a ser coisas.

Na rua rolava um turbilhão de seres e de coisas. E, ou fosse por habilidade de prestidigitação, os seres moviam-se como coisas e as coisas como seres. Os pensamentos no cérebro de Julião confundiam-se. Da janela via um canto da rua onde afluíam e se aglomeravam automóveis e “eléctricos” e gente. Ou a aglomeração seria de gente, “eléctricos” e automóveis? Estas acrobacias mentais fazia-as Julião para espantar o medo. Ah, mas o medo não é coisa que se espante assim! E muito menos quando esse medo é o da morte. Não ficou dito atrás, de facto, mas o certo é que Julião tinha medo da morte. E é por isso que o medo era mortal.

* Texto primeiramente publicado na revista *Ver e crer*, Lisboa, nº 39, p. 89-90, julho 1948.

E, a propósito, por que se falará em latim, uma língua que nem os vivos nem os mortos entendem? Ah, sim, é a língua que Deus compreende. Mas, então, Deus não será poliglota?

Foi neste momento que a escuridão estalou. Houve mesmo um crepitar. Pela janela entrou um foco imenso, o quarto ficou branco como se dia fosse. Era luz, muita luz, grande luz. “É a morte”, pensou Julião. E ficou radiante porque acertara: no centro do foco aparecia uma figura de mulher. Ou seria uma criança? Ah, Julião preferia uma criança. Sim, a morte era uma criança que sempre pedia mais. Pedia-o agora a ele. Abriu a janela. O resplendor era, neste momento, maior, mais alto, mais largo, mais todas as dimensões!... Num pulo, Julião galgou o parapeito.

O filho do vizinho do prédio fronteiro queimava fogo de artifício...

Recolha e organização do texto: Saulo Gomes Thimóteo

Recebido em 23 de fevereiro de 2022

Aprovado em 29 de julho de 2022

José Saramago

Escritor com mais de quarenta livros publicados, entre romances, poemas, contos, crônicas e peças teatrais. Ganhador do Prêmio Camões em 1995 e do Prêmio Nobel de Literatura em 1998.

Saulo Gomes Thimóteo

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo – USP. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professor na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Contato: sthimoteo@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-3874-9215>

A Revista *Desassossego* utiliza a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.